

O PROFESSOR E O CUIDADO DE SI COMO MEDIADOR DA AFETUOSIDADE EM SALA DE AULA

Eixo Temático: Educação e Formação de Professores

Larissa Cunha Brondani¹

RESUMO: O presente artigo aborda questões emocionais de crianças e professores em sala de aula, bem como, a importância da afetuosidade inserida no papel do docente como parte da interação vincular de professor-aluno, visando um bom desempenho da aprendizagem por parte daquele que receber o saber, depositando confiança no outro que transmite o saber. Questionamos a importância da saúde mental e regulação emocional em sala de aula, junto com a formação de professores. A abordagem utilizada é uma pesquisa de cunho hermenêutico. O movimento da pesquisa aponta a prática do cuidado de si, com uma relação com o autocuidado e a saúde mental do professor em sala de aula. Ao falar das habilidades sócio emocionais dos professores com os alunos, se faz uma referência à necessidade de cuidado do professor como sujeito, como subjetividade.

Palavras-chave: Aprendizagem. Desenvolvimento infantil. Educação. Regulação emocional. Professores.

INTRODUÇÃO

O afeto por parte do professor tem um papel importante no desenvolvimento cognitivo do aluno, trazendo uma construção fundamental na relação professor-aluno e no desempenho da aprendizagem do sujeito, a partir da interação vincular. Segundo Wallon (1986b), a afetividade desempenha o papel fundamental na constituição e funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais, envolvendo manifestações, englobando sentimentos e emoções.

De acordo com Boufleuer (2023), a indeterminação do ser refere-se às explicações que o sujeito possa vir a atribuir a sua capacidade de agir, na modificação contínua dos padrões de interação com o meio e com os outros. Significando, assim, que cabe ao professor definir como irá realizar a sua condição humana e como deverá operar diante da constituição de seu mundo.

Sabe-se que a forma que o professor escolhe para vincular e/ou interagir com os seus alunos irá refletir em suas emoções e na capacidade de sociabilidade com os demais colegas.

¹ Psicóloga, Mestranda em Educação nas Ciências e Bolsista do programa de fomento PROSUC/CAPES/CNPq.



significativa a possibilidade de promover um ensino qualitativo e ainda proporciona o despertar do desejo de aprender dos educandos ao reconhecer a importância das relações entre os aspectos afetivos e cognitivos (SILVA *et al*, 2021, p.2).

Sabemos que quando o professor dá atenção às emoções dos seus alunos, transmitindo afeto junto com o saber, reduz a chance de eventos estressores no ambiente escolar, bem como as dificuldades na aprendizagem. Para Justo e Andreatta (2020), as competências socioemocionais vêm sendo estudadas pela Psicologia do Desenvolvimento e da prevenção e promoção de saúde mental como um conceito amplo, utilizado no desenvolvimento de programas de prevenção em escolas.

Para Foucault (2008), pode haver conflito entre o desejo daquele que fala e a instituição na qual esse discurso é dito. E o que pode haver de perigoso nessa relação? O que há de impalpável nesse desejo inconfessável de dizer ou de se colocar em silêncio, e o que há de material neste poder de dizer sim ou não para o que já foi falado? O que lhe impõe limites? O que faz você dizer mais, ou, subitamente, o que faz você calar-se?

Podemos pensar na ordem do discurso do professor em sala de aula na configuração da relação professor-aluno e numa possível vinculação saudável. Segundo Foucault, os conflitos por vezes podem ser causados devido ao desejo do que se fala e a forma que o outro recebe tal discurso. A linguagem é o que nos traz a possibilidade de comunicação. Na comunicação, através da língua nos propomos a uma determinada condição que vem a operar como a força de ligação entre as significações que articulam os interlocutores, como o poder, a verdade e o tempo. (HABERMAS, 1990). Através de Foucault, pode-se observar o discurso como a luta pelas significações. O discurso dos professores em sala de aula frente aos alunos expressa significados de linguagem passíveis de interpretação de acordo com o desenvolvimento cognitivo e psicológico do sujeito que recebe este discurso.

De acordo com Foucault (2008), o discurso constitui uma prática que constrói os objetos de que fala e se forma por meio de um conjunto de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva. Nessa medida, a noção de enunciado é compreendida como o átomo do discurso, a unidade mínima de análise.



respeito à operação da linguagem, é crucial desfazer as crenças de que ela possa constituir um simples mecanismo de transmissão.

Todavia, em sala de aula, o professor que dispõe das habilidades sociais educativas e de regulação emocional conseguirá conduzir os alunos de uma forma afetuosa e transmitirá a sua expertise de uma forma mais produtiva, tornando-a geradora de desejo e prazer. Os professores, sejam de escolas ou de universidades, necessitam compreender as limitações dos alunos, não somente cognitivas, mas também emocionais. Neste sentido é necessário uma formação de professores continuada no âmbito da regulação emocional, pois um professor bem estabilizado psicologicamente terá êxito em sala de aula com os seus alunos.

Neste trabalho nos propomos a pensar através da filosofia e da psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento a relação professor-aluno em sala de aula, considerando, da parte do professor, a prática do cuidado de si, suas habilidades sociais e educativas, assim como a sua estabilidade emocional. Em sala de aula é necessário que o professor disponha de habilidades sociais educativas e/ou pedagógicas, buscando trabalhar com a docência e a transmissão do saber mediante afetividade e a inteligência emocional na gestão de possíveis conflitos, de modo enfrentar as adversidades do meio escolar.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente escrita se fundamenta em dados da análise crítica e das discussões acerca da temática do cuidado de si de Michel Foucault, apresentadas em sala de aula, durante o Mestrado de Educação nas Ciências. Para a constituição deste trabalho foram utilizados os conceitos poder de si e cuidado de si, buscando trabalhar a perspectiva da relação professor-aluno e as competências sociais educativas, emocionais e a constituição da docência. Todavia, a pesquisa toma como objeto a relação professor-aluno pelo viés da psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Justo e Andreatta (2020), os professores competentes sócio emocionalmente reconhecem as suas limitações, identificam, expressam e regulam suas emoções em sala de



De acordo com Aggio (2022), a cultura de si e a prática de si é “a maneira como o indivíduo, na relação que tem consigo próprio, se constitui a si mesmo como sujeito” (FOUCAULT, 2008, p. 144). A prática crítica de si, por seu turno, é a possibilidade de o indivíduo se constituir com maior liberdade, abrindo-se para outros modos de se relacionar com a verdade, consigo e com o outro.

A prática do cuidado de si se faz uma relação com o autocuidado e a saúde mental do professor em sala de aula. Ao falar das habilidades sócio emocionais dos professores com os alunos, se faz uma referência à necessidade de cuidado do professor como sujeito, como subjetividade. Silva e Freitas (2015) supõem a reciprocidade entre o professor e o aluno como uma construção de singularidade sob a ótica da criação de novos modelos de vida em sala de aula.

A reciprocidade de uma ação ética baseada num cuidado de si e num cuidado do outro, constitui um jogo da construção da liberdade que só pode ser jogado como um jogo coletivo, de mútuas interações e relações, em que as ações de uns implicam em ações de outros. Um jogo em que uns se fazem livres aprendendo da liberdade dos outros; em que uns se fazem livres na medida em que ensinam a liberdade aos outros (GALLO, 2006, p. 188).

Ao pensar na prática crítica do cuidado de si relacionada ao professor propusemo-nos refletir sobre o cuidado que o professor provoca ao ter com o seu Eu e como vem a ocupar-se com a sua subjetividade. Trata-se da maneira que o professor compreende as suas adversidades em sala de aula e como busca o cuidado de si, bem como, o cuidado com o seu Eu, visando inteligência emocional e fortalecimento psíquico. Contudo, Silva e Freitas (2015) nos trazem que a tarefa do educador seria cuidar dos outros e, conseqüentemente, cuidar de sua própria constituição como sujeito da ação pedagógica, indo além dos ditames normativos da educação maior impulsionada pelas políticas governamentais.

O professor constitui um sujeito inserido na cultura, sendo alguém que quem tem uma intimidade e cumplicidade com ela, porque não dizer, uma relação positiva com a tradição cultural social. Cumplicidade esta que Hannah Arendt considera indispensável ao afirmar que



O professor, através da prática do cuidado de si, responsabiliza-se por cuidar de si, visualizar o coletivo que é a sala de aula, os alunos e a aprendizagem destes. Através da responsabilização pela aprendizagem, o professor encarrega-se do seu saber e, para tanto, com o cuidado de si. Neste sentido, precisa olhar para si para poder transmitir o saber para as diversas subjetividades em uma sala de aula.

Para Silva e Freitas (2015), do ponto de vista do cuidado de si, o trabalho do educador consiste em conectar as questões existenciais com as questões do conhecimento. Mais diretamente, a ação docente pensada a partir da compreensão mais ampla da governabilidade de si pressupõe ressignificar as relações entre teoria e prática, uma vez que o ensino de saberes e verdades exigiria uma afecção em profundidade no modo de ser dos sujeitos.

Segundo Aggio (2022), Foucault aborda que o indivíduo se torna sujeito ao ter sua subjetividade sujeitada pelo poder, por um lado, e, por outro, ao resistir às investidas do poder, exercendo a liberdade de produzir novas subjetividades. Isso porque a prática de liberdade parece ser, em última instância, uma prática de si que pressupõe a atitude crítica de interrogar os regimes de verdade e os efeitos do poder.

O professor é em sala de aula a autoridade, dispõe do poder, e é através do poder que ele busca ter a responsabilidade do aluno aprender e respeitá-lo. Todavia, quando o professor faz da sua autoridade o autoritarismo, usando do seu poder para “ferir” o aluno, ele está violando a prática do cuidado de si, pois está sendo negligente emocionalmente consigo mesmo e com o outro, o coletivo.

Neste sentido, para Boufleuer (2023), cabe ao professor não apenas informar das regras existentes, dos valores cultivados, mas de justificá-los para quem está chegando, mostrando a sua pertinência, sua validade, baseado em razões que os que chegam possam compreender. Ao mostrar a validade do conteúdo, o professor está fazendo o uso do seu poder, o que é diferente de impor o conteúdo e buscar que o aluno o idealize como tal, o que significaria “fechar as portas” para opiniões contrárias, não abrir os possíveis “horizontes”, de seus alunos.



especial, a importância dos professores. Compreende-se através da psicologia a importância do psiquismo saudável dos professores em sala de aula, tendo em vista que os mesmos são o “espelho” para os alunos e, desta forma, o comportamento do professor molda o comportamento do aluno em sala de aula.

O professor que terá um comportamento disfuncional, rígido, autoritário, agressivo e desestabilizado emocionalmente, refletirá no aprendizado e no comportamento do aluno, sendo este que irá reagir com medo, baixo rendimento escolar, evasão escolar, baixa aprendizagem, desejo de mudança de escola, sala de aula ou, até mesmo, comportando-se na forma inconsciente do mecanismo de defesa e respondendo ao professor com o comportamento tal qual o dele.

As figuras importantes na infância e adolescência, sejam elas pais, professores, babás, avós e outros responsáveis, promovem o desenvolvimento das competências sócio emocionais nas crianças de três formas distintas. Como: 1 Modelação – quando o comportamento adulto é modelo (espelho) para a criança que o observa e reproduz tal comportamento; 2 Contingências – validação, incentivo à supressão ou negação da expressão da criança, que por consequência aumentam ou diminuem a probabilidade do comportamento da criança se repetir; e 3 Orientação – quando os cuidadores auxiliam a criança a identificar e nomear suas emoções (JUSTO E ANDREATTA, 2020, p.2).

De acordo com Justo e Andreatta (2020), a regulação emocional envolve mais do que apenas controlar a expressão emocional. Ela requer que o indivíduo reconheça sua emoção, avalie sua intensidade e modifique ou não sua expressão, visando um objetivo. Neste sentido, Boufleuer (2023) traz que a dialética pedagógica se configura pelo fato de educadores e educandos se disporem a rever as suas posições e percepções em função da interação estabelecida entre eles.

O professor aprenderá com o aluno e o aluno aprenderá com o saber do professor. As pessoas nos ensinam com o passar dos dias e, muitas vezes, o ensinamento que o outro nos traz tem a dizer muito com nós mesmos, da forma que agimos e nos comportamos. A sala de aula é uma linha tênue, na qual não somente o conteúdo se aprende, mas aprende-se a



protagonizamos a mesma história, os professores contam para nós, contam-nos coisas e, com sua experiência, torna-se significativa a história que os alunos buscam contar. A educação é a revelação dos outros, da condição do sujeito.

Segundo Carvalho (2016), Foucault, em a Hermenêutica do Sujeito, traz que o sujeito não poderá acessar a verdade pela via única do conhecimento. Para que isto ocorresse seria necessário que o sujeito sofresse uma transformação. No processo de transformação, ele se tornaria em certa medida e até certo ponto, outro que não ele mesmo. Afinal, o que é a verdade?

O relato de si pode ser ou não aquele que procura dizer verdades sobre si. Ao invés de se sentir obrigada ou induzida a dizer verdades sobre si, o caminho é procurar descortinar quais verdades estão orientando o meu modo de pensar, sentir e agir. O trabalho sobre si pressupõe um procedimento de elucidação de quais são as “minhas” verdades e quais são opressivas e quais são libertadoras. Depois dessa espécie de exame crítico de si (AGGIO, 2022, p.10).

Para Habermas (1990) o sujeito se constitui mediante a apropriação de uma tradição cultural que vem tendo continuidade através das gerações. Sem a apropriação hermenêutica e sem o aprimoramento do saber cultural pelas pessoas, não se formam e nem se mantêm tradições. Então, para o cuidado de si, o sujeito necessita de uma transformação interna, cultural para poder transcender ao outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ensino realizado na escola para além da aprendizagem dos conteúdos científicos, constitui uma ação de transformação do sujeito, logo, de si e do(s) mundo(s) que o envolvem, ou seja, implica em algo que vai bem para além das relações pautadas em atos de verificação. Ou seja, trata-se de um processo fundado nos ensinamentos e nas aprendizagens que contribuem para um certo pacto entre o sujeito da enunciação e o sujeito da conduta. Isso ocorre na medida em que cada um, falante ou ouvinte, se comprometa em realizar o falado, seja este fruto imediato da palavra, ou processo de transformação da mesma (CARVALHO, 2016, p.9).



o cuidar de si operaria uma prática psicopedagógica que, deslocada para o âmbito do mestre-discípulo, exige um modo particular de relação que, sem dúvida, estaria numa relação erótica (de amor) na medida em que cria um modo singular de olhar e de ouvir a si mesmo e ao outro (Carvalho, 2016).

De acordo com Silva e Freitas (2015), do ponto de vista do cuidado de si, o trabalho do educador consiste em conectar as questões existenciais com as questões do conhecimento. Mais diretamente, a ação docente pensada a partir da compreensão mais ampla da governabilidade de si pressupõe ressignificar as relações entre teoria e prática, uma vez que o ensino de saberes e verdades exige uma afecção em profundidade no modo de ser dos sujeitos.

O ponto é que herdamos a obrigação de falar tudo sobre si, a verdade sobre si, por meio da confissão. Nesse sentido, a liberdade não poderia senão se localizar ou no silêncio ou na capacidade de ser crítico sobre esse falar de si. Como diz Butler: “quando digo a verdade sobre mim, consulto não apenas meu ‘si-mesmo’, mas o modo como o si-mesmo é produzido e produtivo, a verdade, os efeitos que dizer a verdade terá como consequência, bem como o preço que deve ser pago” (2015, p. 167) (AGGIO, 2022, p.10).

O educador se constituiria como sujeito ético para, nesse movimento, incitar os alunos a se formar eticamente. A ação pedagógica seria um testemunho do desafio da humanização em meio às práticas relacionais. Por fim, um terceiro aspecto apresenta uma releitura da concepção de sujeito. O sujeito é apreendido em bases pós-metafísicas, configurando-se nas práticas de si. A forma-sujeito emerge em um processo complexo de transformação, no qual o ser-mesmo do sujeito emerge como uma experimentação de si (SILVA E FREITAS, 2015, p.14).

O horizonte normativo no qual eu vejo o outro e, com efeito, no qual o outro me vê, me escuta, me conhece e me reconhece também é alvo de uma abertura crítica (BUTLER, 2015, p. 37). Ou seja, a subjetividade não está reduzida à determinação normativa, embora se constitua tanto na relação com as normas como na relação diária entre o eu e o outro (AGGIO, 2022, p.13).



mental, pois sabemos que os desafios da docência geram adversidades e que há situações que fogem do controle e, para tanto, é necessário um bom amparo emocional do professor para poder lecionar as suas disciplinas em sala de aula.

REFERÊNCIAS

AGGIO, Juliana Ortegosa. Práticas críticas de si: Foucault e Butler. **Veritas (Porto Alegre)**, v. 67, n. 1, p. e41911-e41911, 2022.

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BOUFLEUER, José Pedro. **Docência na educação superior**. Ijuí, Brasil, 2023.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

DE CARVALHO, Waldênia Leão. O campo pedagógico da experiência e do cuidado de si: uma reflexão acerca da formação do sujeito. **ACTAS**, v. 3, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

Gallo, S. (2006). **Cuidar de si e cuidar do outro**. In W. O. Kohan, & J. Gondra. Foucault 80 anos (pp.177-190). Belo Horizonte: Autêntica.

HABERMAS, Jurgen. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990a.

JUSTO, Alice Reuwsaat; ANDRETTA, Ilana. Competências socioemocionais de professores: avaliação de habilidades sociais educativas e regulação emocional. **Psicologia da Educação**, n. 50, p. 104-113, 2020.

SAVATER, Fernando. **O valor do educar**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SILVA, Nyrluce Marília Alves da; FREITAS, Alexandre Simão de. A ética do cuidado de si no campo pedagógico brasileiro: modos de uso, ressonâncias e desafios. **Pro-Posições**, v. 26, p. 217-233, 2015.

SILVA, B. G. et al. Afetividade e processo de ensino e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon a prática pedagógica. **Revista Interfaces**, v. 13, n. 8, p. 24-41, 2021.

WALLON, H. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1986.